

Compreensão Reflexiva do Pensamento Europeu sobre as Viagens na Amazônia e suas Representações

Silvio Lima Figueiredo
Núcleo de Altos Estudos
Universidade Federal do Pará - Brasil

1 – Introdução

O estudo aborda a produção de imagens e representações européias presentes nos primeiros anos de ocupação da Amazônia, sobre a natureza e cultura da região, perpetrando a produção de imaginários oriundos principalmente das obras relatos de viagens dos principais viajantes europeus que passaram pela região, a mitificação e posterior tipificação da Amazônia aos olhos da Europa dizem respeito principalmente ao exotismo visto como principal característica do local. Da mesma forma, a perspectiva reflexiva da interpretação contribui por outro lado das estratégias de engendrar a conquista do território, criar um novo território e produzir instrumentos de reconhecimento do Brasil como nação e da Amazônia como território da aventura e da riqueza, ao lado do perigo. Nessa relação encontra-se ainda a produção do conceito de viagem e de aventura que remete ao um viajante curioso que remete a Europa e ao europeu novamente, e assim, a representação do território e de quem produz essa representação ganha reforço.

2 – Brasil: As Viagens e Aventuras na Formação do Viajante Europeu

As viagens começam a se intensificar a partir das chamadas grandes navegações, que geram a chamada “expansão ultramarina” da Europa, principalmente Portugal e Espanha. Segundo Eric Roulet (2000), são muitas as razões desses países terem desenvolvido rapidamente suas aptidões para a navegação. As condições das descobertas devem inicialmente ao desenvolvimento econômico da Europa no final do século XV. Os estados ibéricos Portugal, Aragão, Castela e Navarra, os três últimos unidos em Espanha se organizavam internamente, politicamente. A união dos reinos de Aragão e Castela, que depois anexou Navarra, fez da Espanha uma potência com possibilidades imperialistas. A retomada de Granada há muito nas mãos dos mouros, possibilita novos ares de conquista à nação que está se formando. A vocação marítima de Portugal é um fator que também não pode ser esquecido, e é exemplo tradicional, tendo sua monarquia é favorável à conquista marítima.

A atuação dos cronistas faz parte dos descobrimentos do novo mundo e das explorações da África, África Central e Oriental. No Brasil, eles tiveram papel importante no registro da história de uma nação que estava nascendo, do embate entre europeus e nativos.

Os cronistas geralmente eram viajantes, poucos falavam sem ter estado nas terras sobre as quais escreviam, e participaram de momentos importantes nas nações e locais inexplorados ou desconhecidos dos europeus. É bom lembrar que o sentido de descoberta está ligado ao desconhecimento dos europeus sobre as terras além do oceano “mar tenebroso”, e além das Índias Ocidentais.

Entre os cronistas, por exemplo, que relataram fatos sobre o Brasil, Pero Vaz de Caminha, Fernão Cardim, Pero Lopes de Souza, Gabriel Soares de Sousa, Pero de Magalhães Gandavo, Ambrósio Fernandes Brandão, Simão de Vasconcelos, Padre

Ancheta, Manuel da Nóbrega, eram portugueses e criaram a visão do Brasil para o mundo (Europa) nos séculos XVI e XVII. Da mesma forma. Hans Staden, André Thevet, Jean de Léry, João Antonio Andreoni (Antonil), Claude d'Abbeville, Yves D'Evreux eram de outras nações e também tiveram por mérito o registro da vida no Brasil nos primeiros séculos após o descobrimento.

Por sua vez, as viagens naturalistas vão reconciliar a crônica com a aventura, e a ciência será responsável pelas novas aventuras dos viajantes.

O mundo novo tem um potencial a ser explorado, despertando o interesse de comerciantes, e a curiosidade de cientistas. As viagens de naturalistas às novas terras exprimem esse interesse e, nesse momento, estrutura-se um viajante que, em tese, procuraria na experiência da viagem a compreensão do mundo e de sua própria existência, e não só o desafio da conquista.

Um novo viajante se desdobra na experiência de muitos, acabando por formar uma classificação segundo os objetivos da viagem, a forma de exploração, o resultado, o seu financiamento e, claro, o perfil desse viajante, sua história de vida.

Segundo Leite (1996), o viajante dessa nova época se configura nas categorias de Europeu/Norte-Americano; Profissional/Existencial: no encontro da diferença, e portanto, do auto conhecimento; o Colonizador: que realiza os levantamentos econômicos sobre as novas terras e suas riquezas quando viaja, vê, enumera e volta; o Conquistador: imigrante, faz a nova terra e a conquista portanto; o Cientista; o Aventureiro e o Literato.

Em sua maioria ele é o explorador de novos conhecimentos, de riqueza material, de experiências, o cientista que se afasta e se aproxima do turista atual, mas que tem a aventura aliada agora à exploração e ao estudo.

A característica dessas viagens está principalmente no produto que surge delas: os relatos. É o que dá identidade ao viajante na sua passagem. Esses relatos são personificados na forma do *Diário de viagem* (Leite, 1996:26). Há portanto uma relação entre a ação, o ato de viajar e o texto. Um texto agora produzido com a finalidade de divulgar ao público as 'maravilhas' e o exotismo das regiões visitadas. São principalmente narrativas sobre o outro, evidência da fronteira, reafirmada de dentro da experiência de ser estrangeiro (Leite, 1996:14).

Os viajantes "observaram, descreveram e classificaram o mundo social refletindo, por comparação, sobre a vida cotidiana do grupo visitado" (Moreira Leite, 1997:15).

No Brasil os viajantes tiveram um papel importante na pesquisa científica e no entendimento das potencialidades de exploração econômica da região. Segundo Leite (1996), a escolha dos temas e locais de pesquisa dos viajantes naturalistas se dava por muitas questões, entre elas:

- 1) Interesse Pessoal – desenvolvimento científico, o interesse de estudar e pesquisar países e culturas diferentes dominou a mentalidade intelectual do século XIX. Uma "moda" que fez muitos pesquisadores se lançarem à exploração de novos lugares.
- 2) O lugar visitado – algumas regiões apresentavam-se como enigmáticas e exóticas, perfeitas para saciar a curiosidade científica.
- 3) O interesse financeiro da viagem – a descoberta de minérios, ervas, produtos.
- 4) O interesse do público leitor – a "cultura" dos relatos de viagem.

"A literatura dos viajantes (...) é de valor muito desigual, pois entre eles há de tudo: grandes naturalistas, comerciantes, agentes diplomáticos, missionários protestantes, pintores, etnólogos, militares, médicos, e até simples aventureiros que vieram tentar a vida em nosso país" (Matos, 1999:12). Esses escritos, portanto refletem

essa diversidade de tipos e formações, objetivos de viagem, forma como viajaram, etc. Alguns passaram muito tempo em pesquisas detalhadas com visões não tão etnocêntricas, outros no entanto foram breves, por talvez não conseguirem alcançar seus objetivos, as vezes perniciosos, de ter vantagens nas novas terras.

Matos (1999:12) ainda ressalta dois momentos, no caso do Brasil, onde se pode facilmente distinguir os relatos de viajantes: o que foi escrito antes da transferência da corte portuguesa para o Brasil, quando os viajantes não tinham autorização para a pesquisa, e o que foi produzido depois, com a abertura do Brasil em 1808. Antes, o que era produzido tinha um caráter de crônica de curiosidades, haja vista a falta de liberdade dos viajantes em percorrer o Brasil. Após esse período, a simples curiosidade cede lugar às pesquisas científicas, com expedições de vários tipos, tamanhos e formatos, de estrangeiros pelo interior do Brasil. É claro que há um interesse muito claro, principalmente para os financiadores e governos estrangeiros, em mandar seus principais cientistas às terras mais longínquas, como a América do Sul, Polinésia, África e Austrália: a busca por riquezas econômicas ou substâncias novas importantes para a fabricação de algum artefato ou para o comércio. O livro de Rider Haggard, *As Minas do Rei Salomão* é a visão certa do conquistador colonialista no interior da África ávido para encontrar riquezas. Essa idéia motivou as grandes navegações e conquistas do século XVI (Pizarro, Cabral, Colombo, Cortez) e continuou motivando as novas explorações. Os naturalistas no entanto, tinham às vezes interesses distintos de seus patrocinadores e se motivavam pela possibilidade de novas descobertas, tão cheio delas que foi o século XIX, as descobertas científicas estavam na zoologia, geografia, botânica, geologia, etnologia e outras ciências, apesar de algumas não estarem completamente desenvolvidas.

Da mesma forma que viajantes buscaram desvendar as terras brasileiras, o édem-inferno, aventureiros e exploradores se lançaram aos mares na tentativa de desvendar as terras ainda não descobertas e os povos ainda não contatados. Chegou a hora. Quem sabe o Eldorado não estaria nessas terras ou mares?

Charles-Marie de La Condamine, em 1735, inaugura a viagem científica pela Amazônia, palco anterior para as viagens de conquistadores e missionários. A viagem de La Condamine à América também inaugura um novo período da história das descobertas no continente. O destaque não é mais para os conquistadores, missionários ou aventureiros. No século XVIII desenvolve-se um interesse científico pelo Novo Mundo, e por outras partes ainda desconhecidas por completo, como as áreas do Oceano Pacífico (Minguet, 1992: 8)

Os principais viajantes que desvendaram o Brasil e a Amazônia foram: Charles-Marie de La Condamine (Viagem pelo Amazonas); Augustin Saint-Hilaire (Viagem à província de São Paulo e Viagem ao Rio Grande do Sul); Charles Robert Darwin (Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo); Alfred Russel Wallace (Viagens pelo Amazonas e Rio Negro); Henry Walter Bates (Um Naturalista no Rio Amazonas); Alexandre Rodrigues Ferreira (Viagem Filosófica pelas capitanhias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá); Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Phillipp von Martius (Viagem pelo Brasil.); Hercule Florence (Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas); Louiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz (Viagem ao Brasil, 1865-1866); Richard Francis Burton (Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho); Henri-Anatole Coudreau (Viagem à Itaboca e ao Itacaiúnas; Viagem ao Xingu; Viagem ao Tapajós); Charles Frederick Hart (A Naturalist in Brazil).

A viagem parece ser um daqueles eventos que precisam de registro para se perceber que ela ocorreu, uma espécie de “prova”. Mas obviamente não é só isso. O registro da viagem significa muitas coisas. É por exemplo a tentativa de proporcionar aos outros as sensações pelas quais o viajante passou; é também registrar para não esquecer e rememorar depois, e por sua vez, ativar as percepções do momento, eternizando-as.

O narrador viajante é a principal figura na formação e solidificação do chamado relato de viagens (*recit de voyage*, ou *travel relat*). Esse narrador é personificado pelo viajante, que após atravessar o mundo por variados motivos relata, fielmente ou não, suas experiências e aventuras. O homem em busca da verdade escreve a verdade. Assim, a grande dialética inicial na constituição da idéia de viajante está na sua formação como narrador de fatos verídicos, ou de narrador de fatos verídicos e alguns fatos não tão verídicos.

Essa relação entre lugar a explorar (Brasil), narração da viagem (relato) e viajante, forma uma série de conceitos, e entre eles a ideia de viajante europeu intrépido, desafiador, aventureiro, construído em séculos de explorações. Da mesma forma, cria no lugar visitado a mesma noção de explorador, mas dessa vez imbricada na noção de colonizador, onde as relações de poder estão presentes e fazem parte da construção do viajante para nos locais visitados.

4 – Bibliografia

- Figueiredo, Silvio Lima. (2010). *Viagens e Viajantes*. São Paulo: Ed. AnnaBlume.
- Leite, Ilka Boaventura. (1996). *Antropologia da Viagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Moreira Leite, Miriam. (1997). *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Roulet, Eric. (2000). *La conquête des Amériques au XVIe siècle*. Paris: Puf.
- Silva, Wilton Carlos da. (2003). *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Ed. Unesp.